



“VENDENDO UMA BUCETA QUENTE”: OU BELL HOOKS, POR UM FEMINISMO NEGRO TRANSGRESSOR

"SELLING A HOT PUSSY":
OR BELL HOOKS, FOR A TRANSGRESSOR BLACK FEMINISM

Paulo Petronilio Petrot 1


Resumo: O texto traz a importância do pensamento da feminista negra estadunidense bell hooks (2019) para o pensamento negro e para a educação como lugar de emancipação e empoderamento do povo preto. Entendo que descolonizar a Universidade é o primeiro passo para pensarmos novos processos de subjetivação e engajar na luta contra o racismo para fazer da Universidade um espaço crítico, inclusivo e transgressor. Para esse movimento é necessário, a partir do meu ponto de vista enquanto negro e gay, pensar a Universidade, a descolonização de saberes, a desobediência epistêmica e propor novas práticas da transgressão na educação. Tenho em mãos uma abordagem metodológica a partir do feminismo negro, uma conversa com mulheres pretas que pavimentaram esse terreno, tais como Patricia Hill Collins (2019), Audre Lorde (2019), Sueli Carneiro (2005), Grada Kilomba (2019) e Lélia Gonzalez (2018).

Palavras-Chave: Bell Hooks. Feminismo Negro. Universidade. Transgressão. Pensamento Crítico.

Abstract: The text brings the importance of the thought of the American black feminist Bell Hooks to black thought and to education as a place of emancipation and empowerment of black people. I understand that decolonizing the University is the first step towards thinking about new processes of subjectivation and engaging in the fight against racism to make the University a critical, inclusive and transgressive space. For this movement, it is necessary, from my point of view as black and gay, to think about the University, the decolonization of knowledge, epistemic disobedience and propose new practices of transgression in education. I have in hand a methodological approach from black feminism, a conversation between black women who paved this terrain, such as Patricia Hill Collins (2019), Audre Lorde (2019), Sueli Carneiro (2005), Grada Kilomba (2019) and Lélia Gonzales (2018).

Keywords: Bell Hooks. Black Feminism. University. Transgression. Critical Thinking.

1 Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Literatura e em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professor Associado II de Filosofia da educação da Universidade de Brasília em Brasília - Campus Planaltina-DF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1801687030702050>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2734-3359>. E-mail: ppetronilio@uol.com.br ou petrot@unb.br



Um esquentado introdutório

Antes de mais nada gostaria de deixar claro ou escurecer um pouco mais essa escrita e dizer que a expressão “vendendo uma buceta quente” é da pensadora feminista negra bell hooks¹, de seu livro *Olhares Negros: raça e representação*, de 2019, cujo capítulo intitula-se “vendendo uma buceta quente: representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural”. Trago aqui essa expressão política-feminista negra tal como ela coloca como uma forma de subverter, ou transgredir o pensamento, já que ela trazia a transgressão como marca principal de sua escrita, de seu feminismo e de seu pensamento para, ao afirmar o pensamento crítico, tensionar e rasurar o discurso de supremacia branca. Ela era, como ela mesma disse, uma mulher “disposta a transgredir as barreiras da tradição” e para isso é preciso trazer essa experiência encarnada e fazer dela um ato político e transgressor.

Portanto, pretende-se aqui tensionar e colocar em xeque as narrativas euro centradas e legitimadas pela Universidade como lugar do poder-saber hegemônico, branco e europeu. É necessário descolonizar a Universidade e os currículos para podermos pensar outras subjetividades e novos processos de subjetivação. A luta das ações afirmativas, os movimentos sociais como o movimento negro e somente falar em racismo não basta. É preciso ampliar, fortalecer o debate e pensar as bases da Universidade, pois a luta contra o racismo deve partir da Educação como espaço crítico e de desconstrução. O Movimento Negro Educador (GOMES, 2017) teve, sem dúvidas, sua grande contribuição nesse processo.

Tensionar e denunciar a hegemonia branca são móveis necessários para podermos pensar um outro projeto de nação a partir desse complexo agenciamento que chamo de educação e, junto com ela, uma nova humanidade. Mais que isso, é necessário propor práticas e pedagogias que lutam contra essa violência epistêmica que o conhecimento eurocêntrico reproduz nos espaços de saberes. Se faz necessário um forte diálogo com as *epistemologias do sul* (SANTOS; MENEZES, 2010), os saberes dos povos originários, os africanos e uma conversa com as margens, isto é, trazer a cena dos sujeitos e sujeitas mais vulneráveis, incluo aqui as travestis e transsexuais que são poucas reivindicadas e chamadas para pensarmos uma nova humanidade, isto é o pensamento ainda é cisgênero, masculino, heterossexual e patriarcal e com isso desconhece outros corpos, outras práticas, sujeitas e sujeitos que desobedecem a norma. Fazer esse movimento é fundamental para que nós, negros e os irmãos indígenas possamos nos ver como humanos e para isso precisamos ocupar espaços mantidos pelo saber/poder hegemônico. Essa luta antirracista é de todos nós, no constante desafio de dessenhorrar e despatriarcalizar os saberes e a Universidade e nos incluir como sujeitos políticos e críticos no mundo.

Como fio condutor para essa discussão, proponho aqui pensar de forma breve e objetiva a principal contribuição que a feminista estadunidense bell hooks deu ao feminismo negro a partir de suas práticas transgressoras e arrebatadoras: ensinar o verdadeiro sentido do pensamento crítico.

Ora, quer queira quer não, nós, gays negros, bixas pretas, sujeitos, sujeitas subalternas e mulheres negras fomos e somos profundamente influenciados e afetados pelo feminismo negro. A luta de mulheres e o movimento negro foi quem, de certo modo, pavimentou e abriu os caminhos para nós estarmos “dando pinta” e reproduzindo, de certo modo, todas as violências oriundas do patriarcado, e do racismo estrutural e institucional.

Graças aos múltiplos feminismos que estamos aqui existindo, resistindo e tendo a coragem e a capacidade de falar por nós mesmos e nos mostrarmos como humanos no mundo. Aprendemos com eles (feminismos) a romper com os silêncios e perceber, como propôs a feminista negra, poeta e lésbica Audre Lorde (2019), “o silêncio não vai nos proteger”. O que quero dizer é que na medida em que nós nos calamos, nós estamos pactuando com todas as opressões e assinando, de certo modo, várias sentenças de morte. Em poucas palavras: somos genocidas, lesbocidas, homofóbicos, transfóbicos, isto é, pactuamos com os “ídios e as “fobias” quando nos calamos e reproduzimos “o saber”, “a verdade”, o universal.

¹ Por se tratar de um pseudônimo, irei obedecer ao modo como a pensadora feminista negra estadunidense é frequentemente citada com letra minúscula. Adotarei essa forma em todo texto. O verdadeiro nome dela é Gloria Jean Watkins.

Se as lutas antirracistas e antissexistas chegaram onde estão é por que aprendemos, a duras perdas, silenciamentos, sangue e mortes a abrir a boca, a não nos silenciarmos, a erguer a nossa voz e falar a partir desse lugar social para nos humanizarmos enquanto sujeitas e sujeitos pretos. Desse modo, um dos grandes ganhos na nossa luta antirracista oriunda do feminismo negro e do movimento de mulheres negras, é ter o nosso lugar de fala, que não se trata, por sua vez, apenas de emitir palavras, mas de termos a nossa plena humanidade, pois enquanto subalternos, sempre fomos invisibilizados e desumanizados. E quando falo invisibilidade, essa diz respeito, inclusive, à invisibilidade acadêmica, pois como sabemos, existe uma morte e apagamento da produção preta, o que Boaventura Sousa Santos chamou de “epistemicídio” (SANTOS; CARNEIRO, 2005) na academia e nos currículos escolares.

Digo isso pelo fato primeiramente de vivermos ainda em uma academia marcada pela colonialidade do poder, que bestializa e animaliza nossos corpos, nossa produção, nossa subjetividade, dando margem para o fortalecimento do “racismo epistêmico” (GROSFOGUEL, 2020) pois existe um discurso autorizado e legitimado, de supremacia branca, hetero-cispatriarcal que nulifica e invisibiliza a nossa escrita-corpo. Digo escrita-corpo porque o texto, a escrita, a palavra em si passam pelo nosso corpo, pela linguagem.

O corpo é o lugar da memória, dos afetos e dos perceptos. Nesse caso, a escrita precisa ter sangue, ser encarnada. Se a “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2019) e o pensamento cartesiano separou o corpo da mente, colocando a mente como privilégio de quem pensa, “penso, logo existo” e quem pensa é o homem branco, ocidental, coube ao negro ficar com o corpo, inferiorizando-o, animalizando-o e apagando a sua humanidade, eis o por que os corpos negros são, a todo instante, objetificados, abjetificados e sexualizados.

As feministas contra hegemônicas pavimentaram esse caminho e potencializaram encruzilhadas para podermos pensar em noções como lugar de fala, empoderamento, interseccionalidade e mais ainda, redefinir a própria noção de diferença que foi pensada sempre a partir da Europa, ou seja, pensar a diferença nos moldes da colonialidade do poder (QUIJANO, 2019) é ainda dar estatuto à diferença sob o signo de uma certa fantasia colonial. Daí a necessidade de tensionar essas gramáticas da modernidade europeia autorizada e buscarmos a liberdade de falar por nós mesmos como sujeitos e sujeitas do conhecimento marcados historicamente, socialmente, sexualmente, religiosamente e geograficamente.

Diante dessas questões e na tentativa de propormos uma educação antirracista e a partir daí lutarmos contra todas as outras formas de opressão, delimito e recorto a partir das discussões do feminismo negro e pensar de que forma a luta de mulheres negras vêm nos faz a pensar a Universidade como lugar de emancipação. Que estratégias podemos pensar para descolonizar a Universidade e propormos uma educação transgressora? Como transgredir o currículo, a Universidade e propormos uma educação antirracista?

Metodologia

Metodologicamente, utilizei a pesquisa bibliográfica e a partir de uma análise crítica dos textos de bell hooks (2017;2019;2020) em diálogos com outras feministas, farei uma abordagem teórica-epistemológica. Para isso, realizamos o levantamento de autores relevantes que pavimentaram e fortaleceram as discussões acerca do feminismo negro, do movimento negro afro-americano, brasileiro e que contribuíram para um pensamento antirracista tais como Collins (2019); Carneiro (2005); hooks (2019) Kilomba (2019), Lorde (2019), dentre outras.

Para organizarmos o artigo, dividimos em seis partes além de introdução, quais sejam: “Pensando como um preto”, “vendendo uma buceta quente: desaprendendo com o feminismo negro”, “Transgredir e Descolonizar a Universidade”, “Educar é ensinar a desobedecer”, “Aprender a palavra e abraçar o amor”. Por fim, a última parte, “Aprendendo o pensamento crítico transgressor”.

Pensando como um preto

Ora, pensar como preto significa assumir meu lugar social e político de fala como preto. É assumir a minha negritude e correr todos os riscos, pois quando um preto fala, pensa, escreve e aprende a erguer a sua voz, ele fala por uma boca coletiva. Quando falo a partir da negritude, trata-se daquela que foi proclamada por Aimé Césaire (2010) em 1987 ao dizer que negritude não é uma atitude passiva, nem do esmorecimento, nem do sofrimento, nem da ordem do patético e nem da dor. A Negritude é contra a opressão e desigualdade.

Esse modo de ver a Negritude aproxima Césaire de Abdias do Nascimento e o instiga a escrever seu famoso livro *O Negro Revoltado*. Negritude é, por fim, complementa Césaire (2010), “revolta”. Por isso falo de dentro, invoco os ancestrais, pois como bem chamou atenção Abdias do Nascimento (1982), “não vim somar lágrimas e lamentações”, acrescenta, “e nem para chorar junto a vocês”, eu vim aqui para tensionar, questionar, subverter, transgredir e pensar um outro projeto de humanidade a partir de uma educação libertadora, atuante, viva e feliz. Continua ele em seu livro *O Negro Revoltado*:

O que me inspira, e que me move à ação, se encontra muito além dessas fronteiras de negação e de opróbrio. Meus motivos residem, antes, no horizonte e no contexto da festividade e uma celebração festiva requer as presenças vitais. Invoco, então, neste minuto, o axé, a força espiritual dos nossos ancestrais e dos nossos Orixás: saravá, Exu (NASCIMENTO, 1982, p.24-5).

Dito isso, venho aqui celebrar a vida, pois continuo vivo em um país que insiste em abater o corpo preto colocando-o no não lugar, na chamada “zona do não-ser”, como lembrou Frantz Fanon (2020), em seu clássico *Pele negra, máscaras brancas* e afirmando sua desumanização. É impossível pensar sem me colocar enquanto corpo preto marginalizado e sem, a partir da minha corporeidade, pensar a Universidade e o mundo. Universidade na qual nunca me vi em seus múltiplos espelhos, em seu currículo, uma vez que ela sempre fez questão de perpetuar o espírito canônico que é branco, hétero, cis e patriarcal, ou seja, a Universidade fez um forte pacto com a branquidade e seu espelho narcísico e que a cada dia começa a rachar e mostrar a sua fragilidade na medida em que nós negros fomos retirados desse espelho da “bela aparência” estamos criando ferramentas para abalar as estruturas da casa grande.

Essa Universidade racista que nunca fez do pensar preto uma forma legítima de pensamento. Pelo contrário, ele esteve sempre no plano da exotização, do pitoresco, na condição de “objeto” e matéria a ser investigada pelo crivo da ciência branca. Desse modo, essa escrita pode ser uma voz de revolta pois revoltar, mais que indignar e denunciar, é uma forma de resistir. Resistir aqui não pela minha existência, mas pelo silenciamento e pelo apagamento do povo preto nos estabelecimentos de ensino. Portanto, eis a importância de Abdias do Nascimento evocar a presença de Exu, pois é uma forma mais correta de trazer aqui também toda nossa ancestralidade que foi silenciada, apagada e não legitimada na esfera do saber, do sentir, do pensar e do conhecer.

Não me interessa aqui pensar fora de meu mundo, pois o que penso está diretamente ligado à minha prática. Subjetividade e ciência formam uma trança inseparável. O ancestral Abdias do Nascimento (2017) já nos mostrava a importância de situar esse lugar “Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada (NASCIMENTO, 2017, p. 47).

Diante do exposto, somente posso pensar a partir do que me atravessa, do que me passa como preto, de candômbé e gay, enquanto corpo triplamente subalternizado e que carrega na pele mais de uma opressão: a raça, o gênero e a religião que ainda é fortemente marginalizada. Nesse caso não posso me dar ao luxo de lutar apenas por uma opressão, pois quando vou à rua a experiência que tenho é com o meu corpo que é negro e não como intelectual, pois num país racista, a cor preta não passa credibilidade de um corpo pensante, humano. Pelo contrário, o corpo passa credibilidade quando é desejo, ou seja, quando ele é colocando no lugar da exotização e medo, quando é perigo, ameaça. Mais uma vez é impossível escrever sem trazer meu corpo enquanto experiência sensível no mundo para eu ter a autonomia sobre mim enquanto sujeito que fala.

Mais ainda, salientou Neusa Santos Souza:

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quando mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade (SOUZA, 2021, p. 45).

É tendo essa consciência que exerço autonomia sobre mim mesmo, pois o que penso e falo é o que vivo a partir da minha experiência concreta, fundado e fundamentado na realidade, no tempo e no espaço que vivo. De fato é preciso reconhecer que se existo e se estou aqui podendo falar essas palavras foi por que pretos corajosos e revoltosos como Abdias do Nascimento, Frantz Fanon, Achille Mbembe, as feministas estadunidenses e afro-americanas como é o caso de Bell Hooks, que faleceu recentemente, em 2021, aos 69 anos nos Estados Unidos, Patrícia Hill Collins, as “forasteiras”, *outsider*, como é o caso de Audre Lorde e outras que nos inspiram a descolonizar o pensamento e retirar essa máscara histórica colocada em nós pelo colonizador que sempre nos impediu de falar e existir.

A pensadora feminista negra Grada Kilomba em suas *Memórias da plantação: episódios de um racismo cotidiano* foi quem trouxe a figura da Anastácia e a boca como elemento importante para descolonizarmos o eu e o conhecimento. Para isso, é preciso, segundo ela, tratar essa ferida deixada pelo colonialismo que vem como fantasma, assombrando o presente. Fazer o uso da boca, trazer a nossa voz é o começo de todo processo de descolonização. Retirar essa máscara de Anastácia que de certo modo está em todos nós que fomos infantilizados e impossibilitados de falar é o construto não somente do pensamento crítico tal como fala bell hooks (2017), como da busca pela nossa plena liberdade e humanidade.

Não podemos deixar de falar, evidentemente, das feministas negras brasileiras que vieram da tradição de Lélia Gonzalez, já na década de 70, como Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Sueli Carneiro que abriram, pavimentaram esse caminho e já problematizavam questões relacionadas a lugar de fala, feminismo interseccional, mesmo que essas categorias epistêmicas tenham sido desdobradas somente depois, mas foram elas, na esteira de Lélia Gonzalez, essa feminista negra “criadora de caso” e de outras como a historiadora quilombola intelectual como Beatriz Nascimento, a fonte de tudo isso. E o feminismo negro é o fio condutor que nos leva a pensar acerca de nossas humanidades. Cabe ressaltar essa reflexão da feminista Patrícia Hill Collins:

Devemos ter em mente que o pensamento feminista negro compreende as lutas das mulheres negras como parte de uma luta mais ampla pela dignidade humana e pela justiça social. Quando aliado ao princípio epistemológico feminista negro de que o diálogo permanente fundamental para avaliar as manifestações de conhecimento, a perspectiva dos domínios de poder apresentada aqui deve servir para estimular diálogos sobre o empoderamento (COLLINS, 2019, p. 437).

Dito de outro modo, o pensamento feminista está dentro de lutas mais amplas em torno da dignidade humana, da busca pelo empoderamento e da justiça social. Foi a partir daí que mulheres pretas como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Jurema Werneck, Carla Akotirene e Djamila Ribeiro, somente para citar uma das mais recentes, se debruçaram.

Portanto, focarei aqui na feminista negra Bell Hooks para mostrar a potência crítica e amorosa de seu pensamento, pois foi ela que me encorajou a erguer a minha voz e a pensar criticamente como preto. Para isso, tive que lutar contra mim mesmo para me desintoxicar desse fantasma colonial que nos desautoriza e nos desumaniza a todo instante. Ter uma consciência preta significa ter coragem para largar as mãos do pensamento hegemônico, criar novas linguagens e novas fagulhas criativas para falarmos a partir de nós mesmos.

“Vendendo uma buceta quente”²: desaprendendo com o Feminismo

² Essa expressão não foi inventada por mim. Foi forjada pela feminista negra bell hooks (2019). Em seu livro *Olhares negros: raça e representação*, o quarto capítulo intitula-se literalmente “vendendo uma buceta quente: representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural”. Trago essa ideia da autora como uma forma ética e política de fazer o feminino circular na escrita e retirar de cena a escrita falocêntrica, imperial e masculina.

Negro

Não é toa que bell hooks intitulou seu capítulo fazendo menção à “buceta quente”, em seus livros que aborda a questão da representação. Ela teoriza politicamente e criticamente sobre as múltiplas representações de mulheres e homens negros na literatura, no cinema nos meios de comunicação. Essa expressão nesse livro, especificamente tem a ver como uma forma de denúncia de como os corpos pretos são objetificados e hiper sexualizados. É uma espécie de estratégia para ao acionar esse lugar político do corpo como forma de resistência a uma cultura machista e patriarcal.

Ora, enquanto nos Estados Unidos já existia uma onda feminista negra que trazia a potência ética, estética e política do negro, onde somente para citar algumas, como Ângela Davis que tem vindo com mais frequência no Brasil, a ponto de reconhecer em Lélia Gonzalez uma grande representante do feminismo que precisa ser mais vista por nós. O feminismo negro trouxe o charme da diferença com sua riqueza e complexidade marcada pela política do empoderamento, pela interseccionalidade, pelo lugar político de fala, pela expressão da vida e da subjetividade, que não são meras caixas de ferramentas teóricas e epistemológicas. São lugares agenciadores e políticos.

De fato, são muitas as versões acerca do feminismo negro e suas origens. O que sabemos é que ele surge a partir do movimento de mulheres negras no interior do movimento negro que não se sentiam incluídas na pauta do feminismo hegemônico, o de supremacia branca. Com isso, com a militância e o movimento negro essa frente de mulheres começa a se movimentar e lutar contra o sexismo, o racismo e todas as outras formas de opressão. Salienta-nos Patrícia Hill Collins:

O próprio feminismo negro, em grande parte pela demanda de autodefinição das mulheres negras, tem sido fundamental para a criação desse espaço. No geral, as mulheres afro-americanas se encontram em uma rede de relações transversais, cada qual apresentando combinações variadas de imagens de controle e autodefinições (COLLINS, 2019, p.186).

O feminismo negro virou uma epistemologia e entrou de vez no logos. Na década de 90 a filósofa, militante e feminista negra Sueli Carneiro propõe, de forma radical, enegrecer o feminismo por reconhecer de uma vez por todas que as mulheres negras têm suas demandas que não são colocadas na pauta das mulheres brancas, as que ainda trazem de forma universal e essencialista o conceito de mulher. Uma das questões fundamentais do feminismo negro é propor o ato de fala, a enunciação, o lugar de fala dos sujeitos subalternos. E esse lugar já foi proposto por Lélia Gonzalez no Brasil já na década de 70:

Na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira e assim determina a lógica da dominação já que temos sido falados, infantilizados, infan, aquele que não tem voz própria, a criança que fala em terceira pessoa por que falada e infantilizada pelos adultos (...) o lixo vai falar e numa boa (...). (GONZALEZ, 2018, p. 193).

Ora, ao denunciar o racismo e o sexismo na cultura brasileira, a feminista, filósofa e militante Lélia Gonzalez (2018) propõe uma potente subversão e abre caminhos com sua forma de desconstruir e desestabilizar a linguagem, potencializando, com isso, nosso lugar de fala. Ter um lugar de fala é não deixar ser infantilizado, é ter a capacidade de erguer a sua voz como sujeito de sua própria história.

No entanto, é válido reconhecer que o feminismo negro, de forma radical, luta contra as várias opressões sociais seja de classe, raça, gênero, sexualidades, interseccionando e problematizando as posições que os sujeitos e sujeitas geograficamente e historicamente localizados ocupam. Daí a noção de lugar de fala como uma política coletiva que coloca em xeque essa voz una que sempre teve autorização discursiva para falar e existir que é a do homem, hetero-cispatriarcal, branco, cristão, europeu, ou seja, o pensamento ocidental.

Trata-se de uma forma de deslocar e rasurar essa visão hipersexualizada que se criou em torno da mulher negra como uma forma de objetificá-la e desumanizá-la.

No entanto, essas vozes ditas subalternas tentam criar canais e possibilidades de escuta e reconhecimento de suas plenas humanidades. O que todos têm em comum, poderia dizer, é a busca pela visibilidade, pelo direito de humanidade e pela liberdade. Mas hooks mostra a importância de dentro do movimento feminista para pensarmos e desafiarmos o racismo, uma vez que a luta é pelo gênero, mas é também pela raça:

Nossa liberdade como mulher para escolher quem amamos, com quem vamos dividir nosso corpo e vida, foi profundamente fortalecida pelas lutas das lésbicas radicais, tanto em nome dos direitos dos gays quanto dos direitos das mulheres. Dentro do movimento feminista passado e presente, as lésbicas sempre tiveram que desafiar e confrontar a homofobia, de forma bastante similar com que todas as mulheres não brancas, independentemente de preferência ou identidade sexual desafiaram e confrontaram o racismo. (hooks, 2019, p. 142).

Em outras palavras, o movimento feminista lésbico foi, sem dúvida, importante para alargarmos o nosso pensamento e nossa consciência preta no mundo. Foi a partir dessas encruzilhadas interseccionais que criamos nossas trincheiras, alimentamos e fortalecemos o nosso devir-humano. Ora, se estamos falando em encruzilhada hoje e nos permitindo esse crivo no caos é por que uma onda subversiva e transgressora vem operando no sentido de colocar em xeque as nossas verdades dadas a priori. Todo esse cenário muda nossa prática, nosso modo de vida, a nossa maneira de pensar o Outro e a nós mesmos.

É válido ainda lembrar que toda essa discussão fez fortalecer o pensamento decolonial, isto é, aprendemos a colocar em xeque o saber, o pensar e o poder autorizado pela supremacia branca, colonial e ocidental. Foi essa onda subversiva do feminismo negro que nos fez acordar desse “sono dogmático”, a sacudir as evidências e inventar novas possibilidades de vida. Mais ainda: ensinounos a tensionar essa gramática autorizada e assumir a encruzilhada como forma de pensamento, de existência e resistência. Contudo, de fato os tempos mudaram e estamos buscando outras vozes, outros lugares, outras linguagens e lançando-nos em outras encruzilhadas como um modo de desestabilizar a soberania e o poder do colonizador. No entanto, é desnecessário hoje que o outro fale por nós.

Nós, negros e subalternos não queremos e não precisamos ser pensados como “Outro” e muito menos o outro do outro, o “exótico”, o “estranho”. O outro querer falar por nós hoje é uma forma de xingamento, de desrespeito à nossa voz, pois foi esse outro que sempre nos calou, nos silenciou, nos oprimiu. Não à toa que o corpo negro é o que mais morre no Brasil, sem deixar de lado as crianças pretas, cujas mortes já se naturalizaram. Então em alto e bom tom: as vozes subalternas importam e elas surgem arrombando o pensamento normativo, tendo visibilidade, se humanizando e com isso, se empoderando a cada dia e tendo plena consciência de sua voz no mundo.

Dito de outra maneira, com o feminismo negro surge uma ética da vida atrelada a uma estética da existência negra. Se o critério de humanidade é a brancura e o negro quer ser humano, é esse critério de beleza que ronda os corpos dos negros para se humanizarem. Vivemos uma incessante busca de embranquecimento para sermos humanizados e aceitos. Essa estratégia de colocar máscara branca em nossa pele negra é, de certo modo, estratégia de sobrevivência. Foi o que nossa ancestral Neusa Santos nos ensinou acerca da nossa experiência de ser negro em relação à branquitude:

Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Esse olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica a decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancas (SOUZA, 2021, p. 45).

Dito de outra maneira, para Neuza Santos, a experiência de ser negro em um país racista e que nos animaliza é sempre uma experiência traumática pois estamos sempre negando a nós mesmos para satisfazermos os ideais brancos seja na estética, seja na maneira de ser, agir e pensar. Ou seja, a nossa existência é sempre comprometida enquanto humanidade.

Descolonizar a Universidade implica, acima de tudo, começarmos a dar as costas para o pensamento branco e hegemônico que insiste em nos colocar na “zona do não ser”. Descolonizar é mais que necessário para que possamos sair da grande noite anterior à vida (MBEMBE, 2019) e dar as costas para essa Europa que nos massacra e nos desumaniza.

A descolonização exige um gigantesco esforço em sair dessa estética padronizada e brancocentrada para afirmarmos uma ética e uma estética da diferença. Deixamos de fazer uma crítica a razão pura para propormos uma Crítica à razão negra. Para isso é preciso fazer uma severa crítica a essa razão racionalizante que retira a subjetividade, o afeto e a capacidade de humanidade de nós mesmos. O que a ética e a estética ocidentalizada sempre nos ensinou foi deixarmos de sermos humanos, restituindo de nós toda sensibilidade, toda humanidade e toda alteridade.

Por isso o feminismo negro traz as éticas e as estéticas de delicadezas epistemológicas tais como interseccionalidade, lugar de fala, subalternidade, diferença, empoderamento e com isso, torna-se mais complexa a semântica e a linguagem do próprio feminismo negro.

Em outras palavras, uma das éticas do feminismo negro tem como imperativo a discursividade, a enunciação e a afirmação do lugar de fala dos sujeitos, onde a partir de suas vozes e de sua enunciação discursiva, corporal e performática os sujeitos subalternos podem aparecer como sujeitos plenos de suas humanidades. A ética passa a ser individual por que é coletiva, pois o pessoal é político e é nessa política da pessoalidade coletiva que os sujeitos erguem a sua voz e se afirmam enquanto tal no mundo.

Transgredir e descolonizar a Universidade

Um dos maiores desafios na contemporaneidade em relação à colonialidade é expurgar o colonialismo e o pensamento euro centrado que povoa a Universidade. Descolonizar é um trabalho para toda uma vida. É importante situar debate. Ao denunciar o racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios, Ramón Grosfoguel salienta:

Nas universidades ocidentalizadas, o conhecimento produzido por epistemologias, cosmologias e visões de mundo “outras”, ou desde geopolíticas e corpos políticos do conhecimento de diferentes regiões do mundo considerados como não ocidentais com suas diversas dimensões espaço/temporais, reputados “ inferiores” em relação ao conhecimento “superior” produzido por uns poucos homens ocidentalizados dos cínicos países, conformam o cânone do pensamento nas humanidades e nas ciências sociais (GROSFUGUEL,2020, p. 28).

Segundo Grosfoguel o que é produzido no norte global é considerado como saber legitimado e humano. O que se produz fora desse contexto, no sul global é deslegitimado e colocado como inferior. Essa estratégia da modernidade colonialidade reforça a hierarquia existente entre os saberes e o racismo na própria Universidade.

Bell Hooks é, sem dúvidas, uma das maiores pensadoras feministas de nosso tempo. Apesar de ter falecido recentemente, aos 69 anos em dezembro de 2021, ela marcou e marca toda geração de pensadores na contemporaneidade. Foi, talvez, uma das que mais levou a sério o pensamento educacional de Paulo Freire e trouxe, com isso, várias questões que extrapolam e transbordam o feminismo negro. São questões para pensarmos a nós mesmos, pois mobiliza-nos a criarmos novas trincheiras e fagulhas criativas para transgredir na educação.

bell hooks, foi quem, a partir de Paulo Freire reorientou-nos a ter esperança e amor ao mundo e a nós mesmos a partir de um pensamento crítico. Mais que isso: nos sacudiu e nos

mostrou a importância propormos pensamentos arrebatadores capazes de desafiar a nós mesmos. Tal transgressão se dá na medida em que aprendemos a erguer a nossa voz e nos posicionamos enquanto sujeitos. Daí se constrói sua autonomia. A luta do feminismo negro é contra toda forma de opressão. Olhar Freire sob o prisma do feminismo negro significa aspirar as dimensões da liberdade, do amor, do diálogo e do pensamento crítico.

Ao abraçar a mudança e pensar uma pedagogia engajada, Hooks mostra a necessidade e a urgência de fazer da sala de aula um contexto democrático. Diz ela: “Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é o objetivo central da pedagogia transformadora” (hooks, 2017, p. 56). Ou seja, para que haja uma pedagogia transformadora é necessário assumirmos a nossa responsabilidade de transformar o mundo e para isso é preciso começar a transformar a nós mesmos.

É assim que hooks (2017) convida-nos a transgredir na educação quando lê Paulo Freire, pois a feminista vê nele o abraço para a mudança, reconhecendo a necessidade da busca da humanização de nós mesmos enquanto sujeitos marginalizados e subalternizados. Mas afinal o que significa esse convite às políticas da transgressão? Diz-nos a pensadora feminista negra:

Em vez de focar a questão da segurança, penso que o sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une. Idealmente, o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender-de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo. Segundo a minha experiência um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual (hooks, 2017, p. 58).

Ora, a transgressão em hooks se dá a partir da busca de uma educação libertadora, pois a partir daí podemos criar um sentimento de comunidade, de compromisso partilhado, do bem comum e que nos una cada vez mais nas nossas diferenças. Para que tal mudança opere, é necessário que sejamos capazes de receber conhecimentos que potencializem e intensifiquem nossa intelectualidade e nossa capacidade de viver de forma mais duradoura e plena. Para isso, é mais que necessário que sejamos capazes de reconhecer as múltiplas vozes individuais de cada sujeito. Reconhecer essa multiplicidade é um dos caminhos mais férteis para abraçarmos a mudança e transgredirmos na educação.

É reconhecendo essas vidas individuais que passamos a conhecer o verdadeiro sentido da liberdade que não será dada por nós a ninguém, mas cada sujeito é capaz de se libertar sozinho e ter a sua autonomia no mundo. Eram essas, creio, as máximas freirianas para nos libertarmos, inclusive, desse opressor que há em nós, pois ele já dizia que se o sonho do oprimido é ser um opressor, perde-se o sentido da educação como prática da liberdade, ou seja, “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

Transgredir, em outras palavras, significa uma luta diária pela liberdade e para isso se faz necessária uma educação de si contra si mesmo a cada instante. É uma luta diária lutar contra nossas verdades, nossas opressões e ensinar uma consciência crítica de si mesmo, permitindo um espaço de libertação e de livre expressão, pois é assim que se propõe uma prática libertadora. Exige de cada um de nós um comprometimento com as políticas arrebatadoras do feminismo pois para hooks, o feminismo é para todo mundo.

Assim, tendo o compromisso com o feminismo, teremos o compromisso em lutarmos juntos contra toda forma de opressão, pois se assim não for, não será bom para ninguém. Se o homem branco, hétero cis e patriarcal não reconhece que essa luta é acima de tudo dele, ele mesmo se desumaniza, pois será incapaz de ver o outro enquanto diferença. E é contra esse processo de desumanização que tanto hooks quanto Freire instigam-nos e pensar:

O comprometimento com a política feminista e com a luta pela libertação negra significa que eu tenho de ser capaz de confrontar as questões de raça e gênero dentro de um

contexto negro, proporcionando respostas significativas para perguntas problemáticas e meios acessíveis e apropriados para comunicar nossas respostas (hooks, 2017, p.152).

É a partir desse comprometimento que podemos propor transgressões na educação, pois se somente ela liberta, somente ela pode nos transformar. Mas tal transformação somente acontecerá quando reconhecemos a diferença, nos vemos e nos reconhecemos como sujeitos de privilégio e que tem outras vidas nas margens, invisibilizadas, silenciadas e desumanizadas. Transgredir significa tensionar o centro e fazer das margens um modo de vida e de pensamento crítico. Por isso a educação não pode ser apenas um lugar de teoria, mas um lugar de prática, de ação, de movimento, de devir. Deve ser, acima de tudo, o lugar por excelência de humanização onde possamos debater com as diferenças sem hierarquizá-las. A educação deve ser o lugar onde possamos propor políticas e pedagogias da diferença que tentam compreender a diversidade e a multiplicidade de corpos e linguagens que se expressam no mundo.

A educação deve ser nosso lugar da generosidade onde possamos compreender o outro sim, mas acima de tudo, nos colocarmos enquanto sujeitos no mundo e transformá-lo a ponto de dizer: “esse mundo que aí se encontra não me serve”, preciso me ver e me perceber numa luta coletiva, pois está mais que na hora de lutarmos por um outro mundo que transborde vidas: estranhas, excêntricas, negras, bixas pretas, sapatão, trans, travestis, lésbicas, que não cabem nesse mundo chato, binário, hétero e cis patriarcal. Transgredir significa rir das categorias sérias do pensamento e pensar mundos possíveis que fogem e vazam desse mundo que exclui, oprime e segrega.

Transgredimos quando inventamos novas linguagens para falar do mundo. Transgredimos quando enfrentamos a nós mesmos numa batalha interna cotidiana para nos libertarmos de nossos preconceitos que nos impede de ver a diferença, abraçá-la e amá-la. É uma batalha discursiva, ética, estética, política e revolucionária. É uma luta diária de si, consigo e contra si mesmo. Por fim, transgredimos quando ensinamos políticas e pedagogias da desobediência. Mas o que significa desobedecer? Essa será a nossa próxima travessia.

Educar é ensinar a desobedecer

Uma pergunta necessária é de que forma podemos pensar o feminismo negro para pensarmos a educação? De que modo esse movimento aciona uma pedagogia educadora e crítica. Para respondermos a essa pergunta é necessário um recuo no tempo e buscarmos no movimento negro educador as bases educacionais e críticas. O feminismo negro como política da transgressão nos convida a uma prática que é educar a nós mesmos, contra nós mesmos. Um novo giro decolonial e um convite a não perceber o mundo de forma universal essencialista já se fazia com as mulheres negras.

Somente a educação pode de fato no educar diante das diferenças. Não se trata de universalizar a diferença e sim valorizar a nossa complexa diversidade e propormos modos de pensar que sejam capazes e desnaturalizar as verdades que foram inculcadas em nós. Revermos os currículos, desestabilizar o cânone, perturbar o centro e propor novas formas de pensar em que os sujeitos subalternizados pela cultura que são cuspidos para a margem possam aprender a erguer a sua voz e se mostrarem no mundo como sujeitos. Trata-se de um processo de humanização. Educar a si contra si mesmo é um grande desafio, mas somente assim podemos reaprender a cerca de nós mesmos. Para tal enfrentamento precisamos questionar e tensionar esse lugar legitimado e autorizado que é o centro, o poder que se fez constituir em relação à margem.

Assim como os corpos subalternos foram alocados para a margem, o centro o poder autorizado e legitimado também foi uma construção que se legitimou como bem, belo e justo e tudo que habita a margem foi legitimado como feio, mal, injusto. A branquidade retirou tudo o que incomoda em si e depositou no corpo do negro a ponto de ser bestializado, anulado, animalizado. A educação deve ser o lugar para se combater o racismo e junto com ele, o machismo, a misoginia, os “ídiots”, genocídios, epistemicídios, feminicídio e toda forma de opressão.

Educar como um ato de desobediência vem da tradição de mulheres do movimento

negro: “O movimento Negro é um educador. Minha trajetória como professora, minhas pesquisas, produções teóricas e ações políticas se pautam nesse reconhecimento” (GOMES, p.13). Essas são as palavras iniciais que a feminista negra, intelectual e militante Nilma Lino Gomes abre seu fantástico livro *O Movimento negro educador*. Nele, ela inspira-nos a pensar o que as pedagogias e as práticas pedagógicas podem aprender com o Movimento Negro, entendido por ela como “ator coletivo e político”.

O Movimento Negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante (GOMES, 2017, p. 21).

Dito de outro modo, é impossível falar do feminismo sem antes recuperar as ideias centrais das lutas de mulher do movimento negro. Foi a força dessas mulheres que nos inspirou e abrir caminhos para o feminismo seja negro ou hegemônico. Essa luta do Movimento negro foi e continuará sendo fecundamente pedagógico e educativo, pois trouxe o debate sobre o racismo e ao trazer esse, trouxe o debate para todas as outras lógicas da opressão, pois politizou e sofisticou a raça dando ao ela seu caráter emancipatório, não hierarquizante, não inferiorizante e não desumanizante.

O feminismo negro educa quando propomos pedagogias arrebatadoras que desobedecem ao cânone, ao logos, ao pensamento autorizado. É preciso propor uma radical “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2014) para pensarmos um novo projeto de humanidade e Universidade. Desobedecer é um ato de coragem, pois implica em um processo de desconstrução constante de si mesmo. Implica em uma luta diária de si contra si mesmo. Noções de certeza, verdade, universalidade são colocadas em xeque para apostarmos em forma de pensar que sejam libertas de toda amarra e sedentarismo do pensamento. Desobedecer exige uma atividade plástica do pensamento para afirma-lo nômade. Implica em um gesto atrevido, pois é atrevido que se passa a ter coragem para sair da inércia do pensamento e propor um novo crivo no caos.

Desobedecer exige de cada um nós um ato político, pois somente quem desobedece passa exercitar um ato revolucionário. Sem a desobediência não há transgressão do pensamento e de si mesmo. Transgredir não significa fazer uma pedagogia da repetição, mas propor a diferença. Somente alcançamos a emancipação quando passamos a pensar por nós mesmos e sermos autores da nossa voz, da nossa história.

Daí eclode o sujeito empoderado, pois é capaz de pensar a partir de si a criar fagulhas criativas para falar e se posicionar no mundo. O trabalho do intelectual deve ser a serviço a da vida, da busca da dignidade humana e do constante processo de humanização. A educação, nesse sentido, não deve estar a serviço da igreja, nem do Estado, nem do poder, mas a serviço da vida e da libertação dos homens para que eles possam pronunciar o mundo através da palavra e da ação.

A Universidade é cartesiana. Propor uma pedagogia da desobediência significa zombar do cogito, pois desloca-se o “Penso, logo existo” e abre de uma cosmovisão para uma cosmopercepção do mundo. Pelo corpo desobedecemos, enunciamos e anunciamos novas palavras, novos dizeres e novos fazeres. Desobedecemos a “visão do olho de Deus” cartesiano (GROSFUGUEL, 2020), centrado no “Eu”, no sujeito universal dotado de razão, esse olho que separa sujeito-objeto.

Desobedecer é descolonizar, rasurar, deslocar, desterritorializar, desfazer, ou seja, refazer o olhar ou desaprender o aprendido para voltar a aprender. Somente quando desobedecemos que nos libertamos. Libertar a vida lá onde ela sempre foi prisioneira: no poder, que é branco, cis, patriarcal e heterossexual. Desobedecer a norma para termos a liberdade de sermos e pensarmos por nós mesmos. Isso significa fazer da encruzilhada o lugar da desobediência: do cânone, do discurso autorizado, da lógica binária e cartesiana.

Portanto, aliado ao feminismo negro como política educacional, precisamos criar estratégias para aprender a palavra e abraçar o amor. O que isso significa será nossa próxima empreitada.

Aprender a palavra e abraçar o amor

De fato, a palavra e a ação são meios necessários para a emancipação e a humanização de nós subalternizados. É bem verdade que bell hooks ensinou-nos a importância de aspirarmos e respirarmos o amor não como mero sentimento cristão ou patriarcal, mas como modo de vida ético, estético e político. O amor é um afeto estrondoso e revolucionário pois somente ele é capaz de nos dar a soberana liberdade para que possamos ser no mundo com os outros em meio ao caos, à diferença e à indiferença.

Hooks reconheceu em Paulo Freire não somente a importância de termos a palavra, mas como fazer dela uma máquina de guerra contra todo tipo de opressão. Educar como prática da liberdade se dá a partir do momento em que nós sujeitos oprimidos temos na palavra nossa potência de humanização. De certo modo, Freire foi a base da descolonização do pensamento no Brasil que fez com que olhássemos para nós mesmos e valorizássemos a nossa história que sempre foi brutalmente retirada e apagada pela colonialidade do poder.

Um convite a ser feminista significa, acima de tudo, um convite a afirmar a potência dos afetos e o maior deles, é o amor. Não há justiça sem amor. Não há amor sem diálogo e nem empoderamento sem justiça. Já nos lembrou Bell Hooks que amor combina com cuidado e que o verdadeiro amor é fundamentado em reconhecimento e com essa consciência passamos a acreditar que o amor tem o poder de transformar e nos encorajar a nos opor a lógica da dominação, ou seja, escolher políticas feministas é escolher amar.

Nesse sentido, se queremos aspirar a completude e a complexidade do amor, precisamos aspirar ao feminismo negro e suas políticas arrebatadoras, pois o feminismo negro se ergue sob o signo da diferença em seu sentido mais amplo em busca da dignidade humana e da justiça social. Desse modo, propor uma política da descolonização do pensamento e do eu, significa sermos capazes de termos coragem para enfrentarmos a nós mesmos para sairmos desse grande abismo, da grande noite e desse jogo perverso do colonialismo-racismo.

É necessária uma nova forma de reafirmação e uma nova re(ori)entação da nossa maneira de pensar a nós mesmos e o mundo da vida. Sobre a importância do amor diz-nos a feminista: “Se mulheres e homens querem conhecer o amor, precisamos aspirar ao feminismo. Por que sem o pensamento e a prática feminista não temos a base necessária para criar laços de amor” (hooks, 2019: 145). No entanto, ela chama a atenção para nos libertarmos dessa visão patriarcal que se construiu em torno do amor. Diz ela:

Quando aceitarmos que o verdadeiro amor é fundamento em reconhecimento e aceitação, que o amor combina com cuidado, responsabilidade, comprometimento e conhecimento, entenderemos que não pode haver amor sem justiça. Com essa consciência vem a compreensão de que o amor tem o poder de nos transformar e nos dar força para que possamos nos opor à dominação. Escolher políticas feministas é, portanto, escolher amar (hooks, 2009, p. 150).

Nesse sentido, o amor é o coração do feminismo. Diálogo e amor dão o contorno não somente da pedagogia freiriana, mas como se transformam em compromisso éticos e políticos do pensamento crítico de bell hooks, pois não há diálogo sem amor e não há amor sem liberdade. Amor e feminismo se conjugam para Hooks. É nesse tom de sensibilidade e pactuada com essa visão política de feminismo que a feminista negra Chimamanda Adichie (2015) nos leva a compreender o que significa ser feminista.

Segundo a autora de *sejamos todos feministas*, feminista é uma pessoa que acredita na igualdade social, política, econômica entre os sexos e mais ainda, complementa, o melhor exemplo de feminista que conheço é o irmão Kene, que também é um jovem legal, bonito e muito másculo, a meu ver feminista é o homem ou a mulher que diz, “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar. Todos nós mulheres e homens temos que melhorar”.

E ser feminista significa lutar contra a opressão de gênero, de raça, de classe e outras. Significa também redefinir a diferença e trazer para a pauta questões que perpassam gênero e raça

ou racialização do gênero ou a generificação da raça, uma vez que meu corpo gay é um corpo negro e independente da minha classe social, o racismo e a lógica perversa do colonialismo me atravessa e não posso me dar o luxo de lutar apenas por uma opressão, ou como salientou Audre Lorde, não existe hierarquia de opressão.

Num país marcado pelo racismo e pelo sexismo, dificilmente uma mulher preta terá sua voz ouvida. Nesse caso, por mais complexo que seja, ser feminista é simples: lutar a favor do humano, melhor ainda, incluir na semântica do feminismo negro aquele humano que sempre foi negado ao negro e demais sujeitos racializados. Aspirar políticas feministas significa aspirar a justiça e o amor. Ser feminista é amor, pois amor se conjuga com respeito, com afeto, acolhida ao outro e à diferença. Se feminismo e amor se entrelaçam, é por que o ódio e a raiva não podem mais tomar conta de nossos corações.

Aprender a palavra e abraçar o amor significa estar primeiramente aberto a querer aprender. Eis o primeiro passo para aprender o pensamento crítico. E o feminismo negro é o fio condutor que nos leva a pensar acerca de nossas humanidades. Cabe ressaltar essa reflexão da feminista Patrícia Hill Collins:

Devemos ter em mente que o pensamento feminista negro compreende as lutas das mulheres negras como parte de uma luta mais ampla pela dignidade humana e pela justiça social. Quando aliado ao princípio epistemológico feminista negro de que o diálogo permanente fundamental para avaliar as manifestações de conhecimento, a perspectiva dos domínios de poder apresentada aqui deve servir para estimular diálogos sobre o empoderamento (COLLINS, 2019, p. 437).

Dito de outro modo, o pensamento feminista está dentro de lutas mais amplas, em torno da dignidade humana e da justiça social. Um convite a ser feminista significa, acima de tudo, um convite a afirmar a potência dos afetos e o maior deles, é o amor. Não há justiça sem amor. Não há amor sem diálogo e nem empoderamento sem justiça. Já nos lembrou bell hooks que amor combina com cuidado e que o verdadeiro amor é fundamentado em reconhecimento e com essa consciência passamos a acreditar que o amor tem o poder de transformar e nos encorajar a nos opor a lógica da dominação, ou seja, escolher políticas feministas é escolher amar.

Por fim, aprender a palavra e abraçar o amor são caminhos fundamentais para que haja a mudança, pois seremos capazes de transformar e até mesmo fazer dele (abraço) a morada do outro, da diferença. Que possamos nos abraçar mais. Abraçar também pode ser um ato de resistência. O abraço chama outros sentimentos e aguça outros sentidos.

Que possamos nos perder nos abraços, pois neles podem surgir demorados encontros. Nele pode morar o amor que precisamos e nele podemos nos humanizar plenamente. Aprender significa aprender a palavra, aprender o amor e, por que não, reaprender o abraço enquanto afeto do humano.

Aprendendo o pensamento crítico transgressor

Não se pensa uma pedagogia transgressora sem pensar criticamente o mundo, ou seja, sem colocar em xeque as verdades prontas e acabadas. Para que haja um pensamento crítico é preciso romper com as distâncias existentes entre o homem e o mundo e reconhecer sua solidariedade, uma permanente conversa. Paulo Freire ensina-nos:

Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade (FREIRE, 2005, p. 95).

O feminismo negro é de natureza crítica e transgressora. Ele ensina-nos a sermos sujeitos e sujeitas críticas de nós mesmos. Mais que isso: ele ensina-nos a desafiar as verdades prontas, os modos de vida e a desnaturalizar tudo que conhecemos e aprendemos. Somos críticos quando

não aceitamos de forma passiva o mundo tal como está. Somos críticos quando aprendemos a erguer a nossa voz e nos posicionamos enquanto sujeitas. Crítica e transgressão são duas faces da mesma moeda, pois ambas estão relacionadas à rebeldia, à desterritorialização, à desconstrução e a capacidade de desobedecermos às grandes estruturas de poder. Ser crítico é propor uma pedagogia da desobediência.

bell hooks é uma das poucas feministas negras que nos convida a ter uma consciência transgressora e desenvolvermos o espírito crítico. Afinal, o que isso significa? Ensina-nos:

Estudantes não se tornam pensadores críticos da noite para o dia. Primeiro, eles precisam aprender a aceitar a alegria e o poder de pensar propriamente dito. A pedagogia engajada é uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar a vontade de alcançar a total autorrealização. O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente (hooks, 2020, p. 33).

Ora, para bell hooks o pensamento crítico é um processo interativo que exige a participação de professores e alunos. Para essa discussão a autora busca em Paulo Freire novos modos de pensar a autonomia crítica dos sujeitos na educação. Ser freiriano é pensar por nós mesmos. Mais que isso: é desafiar o pensamento a partir de uma atitude crítica. É válido ainda dizer que a palavra crítica (vem do grego *crinus*, que significa julgar e decidir. Palavra que tem a ver com outra crise, aliás, crise e crítica vem juntas. É preciso, para criar, colocar o pensamento em crise. Nesse caso, para criar é preciso ser crítico do pensamento e isso acontece quando estranhamos o familiar ou aprendemos a sacudir as evidências, ou seja, sacudir aquilo que é familiar. Desse modo, ser crítico significa deslocar, desterritorializar, desnaturalizar, desfazer, desconstruir, descolonizar e outros “dês” afins. Logo, aprender a ser verdadeiramente crítico implica em uma luta diária de si consigo mesmo a ponto de surgir um desaprendizado de si.

Aprender a desaprender, eis o desafio do pensamento crítico e contra hegemônico. Eis o nosso desafio em todo tempo e lugar. Aprender a desobedecer ao *logos*, ao “pai”, ao centro, ao discurso autorizado, ao pensamento reto, cartesiano. Em poucas palavras, exige educar a si contra si mesmo. Paulo Freire aqui no Brasil já fazia a diferença quando nos puxa para a crença em nós mesmos, na humanidade, aquilo que aos poucos foi tirada de nós, subalternos, negros, gays, mulheres, trans e outras margens. No entanto, para que possamos no empoderar enquanto sujeitos, é fundamental termos um pensamento crítico sobre nós mesmos:

O pensamento crítico exige que todos os participantes do processo em sala de aula que estejam engajadas. Professores que trabalham com zelo para ensinar o pensamento crítico com frequência se desanimam quando os estudantes resistem. Mas, quando o estudante aprende a habilidade do pensamento crítico (e, em geral, são poucos os que aprendem), a experiência é verdadeiramente recompensadora para ambas as partes (hooks, 2020, p.35).

Sem dúvidas bell hooks potencializou seu pensamento crítico através de Paulo Freire, pois ele falou direto para os oprimidos, os subalternos, para a necessidade de falarmos e impormos a nossa voz para termos a nossa autonomia como sujeitos de nós mesmos. Ele me encorajou a encontrar na encruzilhada minha força política e revolucionaria, pois foi ali junto com Exu, minha pedra filosofal, que aprendi a descolonizar o pensamento e inventar outras narrativas para falar do mundo. Narrativas essas em que eu não me separo do pensamento e da vida. Narrativa essa que não separa sujeito de objeto como fez a representação colonial eurocentrada e cartesiana. Foi quando bell hooks começou a acordar politicamente e propor essas políticas arrebatadoras e denunciar o patriarcalismo, sendo impulsionada a pensar como feminista negra e a pensar criticamente:

Queriam saber mais sobre o pensamento feminista. E foi nessas aulas que muitas de nós acordamos politicamente. Cheguei ao pensamento feminista desafiando a dominação masculina

em nosso lar patriarcal. Mas simplesmente ser vítima de um sistema explorador e opressor e até mesmo resistir a ele não significa que entendemos por que ele existe ou como mudá-lo. Minha adesão às políticas feministas aconteceu muito antes de eu entrar para a faculdade, mas a sala de aula feminista foi o local onde aprendi o pensamento feminista e a teoria feminista. E foi naquele espaço que fui incentivada a pensar criticamente e a escrever sobre a experiência de mulher negra (hooks, 2019, p. 44).

Bell hooks encontrou na liberdade freirianas sua forma mais instigante para poder pensar uma educação como prática da liberdade, pois é na palavra, erguendo a sua voz que se liberta e se humaniza. É um pensamento que encontra sua vizinhança na liberdade. Mas a liberdade aqui é comprometida com o pensar, com a crítica. Liberdade e diálogo se entrecruzam. É assim que podemos pensar e falar em Paulo Freire: Do diálogo como prática da liberdade. Daquele que nos ensinou a fazer uso da palavra. Daquele Freire que nos faz ter autonomia. Ensinou-nos a ler mundo a através da palavra. De um Freire que muitos faziam questão de dizer que não era um pensador.

Ele trouxe a esperança de vida, a pedagogia do esperar. Um dos maiores desafios hoje é de trazer para nós o que o opressor sempre nos tirou: a vida, a autonomia, a voz, a palavra, a humanidade. Freire e, junto com ele, bell hooks, nos restitui a nossa plena humanidade. Se hoje posso potencializar meu lugar de fala na encruzilhada e dizer que Exu é meu verbo dialógico, é por que Paulo Freire me mostrou a potência do diálogo. Aí percebi que como subalterno e como voz marginalizada, silenciada, pude transformar o silêncio em linguagem em ação. É animada com esse exercício de sensibilidade e sabedoria transgressora e pactuada com o pensamento crítico que nos adverte a feminista negra:

Um dos aspectos menos compreendidos dos meus escritos sobre pedagogia é a ênfase na voz. Achar a própria voz não é somente o ato de contar as próprias experiências. É usar estrategicamente esse ato de contar-achar a sua própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos. É disso que muitos professores universitários têm medo (hooks, 2017, p. 199).

Ou seja, ser crítico e ter autonomia de si enquanto sujeito significa, para Hooks, buscar a nossa liberdade através da voz e nos mostrarmos enquanto humanos no mundo. Dito de outro modo, aprender a pensar criticamente significa criar condições e possibilidades para termos a nossas vozes ouvidas e legitimadas, pois falando teremos a nossa humanidade. Não significa, segundo ela, contar suas experiências, mas criar estratégias para poder termos a liberdade de falar livremente, abertamente e existir plenamente no mundo.

Quando hooks diz que os professores têm medo, é pelo fato de que pensar criticamente exige uma pedagogia que transgrida, que promova a autonomia e o espírito crítico. Ensinar, pensar criticamente, implica em se desafiar, sair da inércia, se desestabilizar e poucos estão de fato interessados em promover esse desarranjo. Inclusive falar implica também em aprender a ouvir, a se entregar à política da escuta para assim acontecer efetivamente a aprendizagem, pois é impossível buscar uma crítica de si sem se entregar à escuta do outro. Escutar é o primeiro deslocamento para que haja a crítica e poucos estão de fato interessados nesse movimento.

Quem sabe possamos ainda sonhar e acreditar em um mundo onde possamos de fato aprender novamente a escutar a nós mesmos e aprender com a nossa desordem interior. Quem sabe possamos sonhar com um mundo em que possamos nos mostrar como verdadeiramente somos e não aspirar respostas prontas e acabadas, mas potencializar novas perguntas e a partir daí inventar mundos possíveis, pois a resposta pronta pode se transformar na paralisia do pensamento, na cegueira e até mesmo na desgraça de toda educação.

Ser crítico então é libertar a vida lá onde ela sempre foi prisioneira: da nossa ignorância e do fardo da colonialidade do poder/saber. Ser crítico é se colocar abertamente, politicamente e livremente no mundo, através da palavração. E isso somente acontece quando fazemos da educação e do pensamento um espaço de transgressão. Desobedecer é o primeiro passo para transgredir e

somente transgredido que teremos uma educação emancipatória e libertadora.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum-1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como não ser e como fundamento do ser**. Tese (doutorado) defendida em 2005, na Faculdade de Educação da USP, 2005.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**; Carlos Moore (organização) - Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento; Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Ângela, **A Liberdade é uma luta constante**; organização Frank Barat; tradução Heci Regina Candiani. 1 ed- São Paulo: Bitempo, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeason e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GROSFOGEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**/ Organizadores: Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramon Grosfoguel. 2 ed; 3 reimp. BH: Autêntica, 2020.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra; tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo; Editora Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Olhares Negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódio de um racismo cotidiano, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada; tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica**: a opção decolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, Niterói, v.1, n.34, p.287-324, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 1. impressão. 2a ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Negro Revoltado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez, editora, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

QUIJANO, Aníbal: **Ensayos em torno a la colonialidad del poder**: compilado por Walter Mignolo. - 1 a ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

Recebido em 24 de setembro de 2022.

Aceito em 11 de julho de 2023.